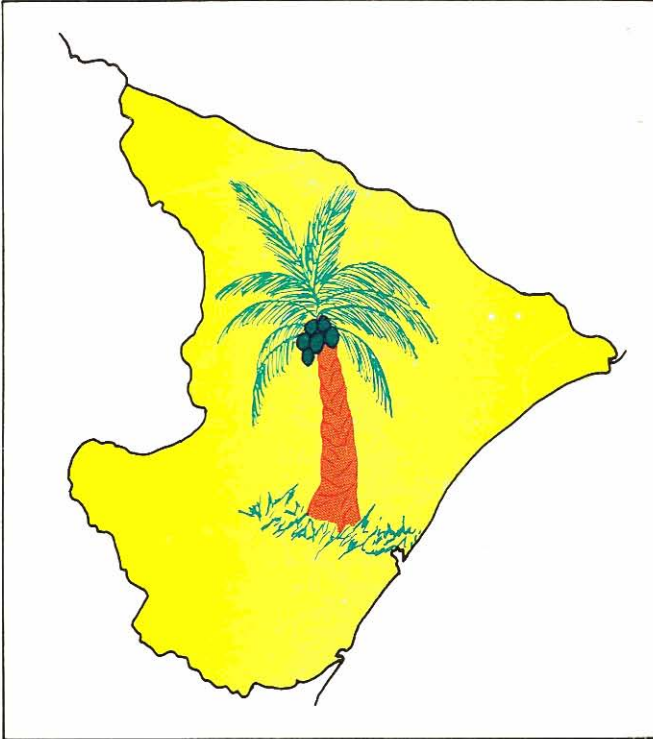




**Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA**  
Vinculada ao Ministério da Agricultura  
Centro Nacional de Pesquisa do Coco – CNPCo  
Aracaju, SE



## DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE COCO-DA-BAÍÁ NO ESTADO DE SERGIPE



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA  
Vinculada ao Ministério da Agricultura  
Centro Nacional de Pesquisa do Coco – CNPCo  
Aracaju, SE



**DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE COCO-DA-BAÍA  
NO ESTADO DE SERGIPE**

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca

**EMBRAPA - CNPCo. Documentos, 12**

Exemplares desta publicação podem ser solicitados ao

Centro Nacional de Pesquisa de Coco - CNPCo

Av. Beira Mar, 3.250

Tel: (079) 231-9116 / 231-9145

Telex: 792318

Caixa Postal 44

49065 Aracaju, SE

**Chefia do CNPCo**

Chefe: João Erivaldo Saraiva Serpa

Chefe Adjunta Técnica: Zorilda Gomes dos Santos

Chefe Adjunto de Apoio: João Quintino de Moura Filho

**Comitê de Publicações:**

Presidenta: Zorilda Gomes dos Santos

Secretária: Maria Ferreira de Melo

Membros: Edmar Ramos de Siqueira

Emanuel Richard Carvalho Donald

Humberto Rollemberg Fontes

Orlando Monteiro de Carvalho Filho

Wilson Menezes Aragão

**Grupo responsável pela análise:**

Edmar Ramos de Siqueira

Emanuel Richard Carvalho Donald

Maria de Lourdes da Silva Leal

**Setor de Editoração:**

Revisão: Glória Balué Gil

Capa: Darci Pereira da Silva Andrade

Datilografia: Anselmo Domingos de Melo Andrade

**Tiragem: 1.000 exemplares**

CUENCA, M.A.G. Distribuição da produção de coco-da-baba no Estado de Sergipe. Aracaju: EMBRAPA-CNPCo, 1989. 22p. (EMBRAPA-CNPCo. Documentos, 12).

1. (Cocos nucifera L. - Produção - Brasil. I. Titulo. II. Série.

CDD 634.61

## S U M Á R I O

Introdução.....	5
Material e Métodos.....	6
Resultados e Discussão.....	6
Perfil da estrutura fundiária de áreas dedicadas à cocoicultura.....	9
Conclusões e Sugestões.....	11
Referências.....	12
Tabelas.....	13

# DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO DE COCO-DA-BAÍA NO ESTADO DE SERGIPE

Manuel Alberto Gutiérrez Cuenca<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

A maior parte da área cultivada com coqueiro (Cocos nucifera L.) situa-se na região tropical, entre os dois paralelos de latitude 20°. A sua exploração atingiu relevância econômica nas Filipinas, Indonésia, Índia, Sri Lanka, Malásia e Tailândia, levando o continente asiático a contribuir, em 1985, com mais de 80 % da produção mundial de frutos.

A cultura do coqueiro no Brasil concentra-se na região Nordeste, cuja participação é de 92 % do volume total produzido no País, destacando-se o Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Bahia, com 78 % da produção nacional em 1987 (FIBGE 1988).

A área colhida no Brasil, segundo a FIBGE, é superior a 200.000 hectares e, apesar da importância econômica do coqueiro para a região nordestina, até 1980 predominava o cultivo extrativista.

Vários fatores têm contribuído para incentivar empresas e grupos agroindustriais a investir no Nordeste, em plantios com material genético melhorado e adoção de tecnologias capazes de melhorar o rendimento médio por hectare, que em 1980 era em torno de 3.000 frutos/ha, e próximo dos 3.400 frutos/ha em 1988 (FIBGE 1980 e 1988).

O mercado consumidor, pelo crescimento no número de indústrias processadoras de cocos e o consumo "in natura", tem gerado condições favoráveis à expansão da cultura na região, em áreas e solos de difícil aptidão para outras culturas.

---

<sup>1</sup> Economista, M.Sc., Pesquisador da EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCo), Caixa Postal 44, CEP 49001 Aracaju, SE.

" Este trabalho foi realizado considerando a importância econômica da cocoicultura para o Estado de Sergipe e visando fornecer subsídios às autoridades responsáveis por política, pesquisa e desenvolvimento agrícola. Analisou-se a distribuição, por grupo, da área total e investigaram-se, nas principais microrregiões e municípios envolvidos com esta cultura, dados sobre colheita e valor da produção efetivo das plantações, de acordo com: condição do produtor, destino da produção, classe de atividade econômica e tecnologia aplicada.

## MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizados dados secundários, obtidos do Anuário Estatístico do Brasil (anos 1978/1987), e dos Censos Agropecuários de Sergipe (1975 e 1980), da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (FIBGE).

A utilização do Censo Agropecuário de 1980 prende-se a dois fatos: primeiro, a inexistência de um mais atualizado e, segundo, porque considera-se que não tenham ocorrido grandes modificações na estrutura fundiária, nos últimos anos.

Foram escolhidas as microrregiões de Propriá, Nossa Senhora das Dores, Cotinguiba e o litoral sul sergipano; dentro delas, foram considerados aqueles municípios mais representativos quanto à produção de coco no Estado, sendo eles: Brejo Grande, Ilha das Flores, Neópolis, Pacatuba, Japoatã, Carmópolis, Japarutuba, Pirambu, Santo Amaro das Brotas, Aracaju, Barra dos Coqueiros, Estância, Indiaroba, Itaporanga D'Ajuda, Nossa Senhora do Socorro, Santa Luzia do Itanhy e São Cristóvão.

Foram calculados os valores percentuais de: incremento no plantio, pés produtivos, valor da produção, assim como valores absolutos relativos a cocos por pé efetivamente produtivo, preço unitário e cocos por pé em idade produtiva, em relação à condição do produtor, destino da produção, classe de atividade econômica e tecnologia aplicada, partindo de informações obtidas no Censo Agropecuário de Sergipe de 1980.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A instabilidade da cultura do coco-da-baía, no Estado de Sergipe, é mostrada pela participação percentual na produção brasileira, no período

1977-1987 (Tabela 1), provocada por fatores edafoclimáticos, tecnológicos, mercadológicos e outros, externos à coqueicultura.

No período de 1977/88, a área cultivada com coqueiro, no Estado de Sergipe, apresentou uma expansão de, aproximadamente, 23 %. No mesmo período, a produção estadual teve um incremento de 46 % (Tabela 2).

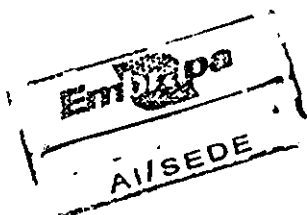
O ganho em produção deve-se ao incremento no rendimento médio dos coqueirais sergipanos que, de 1.800 frutos/ha, em 1977, passou para 2.134 frutos/ha, em 1987, apresentando, no período, um acréscimo de, aproximadamente, 19 %. Em parte, este acréscimo pode ser atribuído à efetiva participação do CNPCo (Centro Nacional de Pesquisa de Coco) junto aos produtores, divulgando técnicas mais adequadas para se obter cada vez maiores rendimentos por área plantada, embora, devido às condições desanimadoras das relações de troca da cultura, muitos agricultores persistam na exploração extrativista dos seus coqueirais, o que não permite acréscimos significativos no rendimento da maioria das áreas existentes com coqueiros no Estado.

A principais microrregiões sergipanas, produtoras de coco-da-baía, são: litoral sul sergipano, Propriá, Cotinguiba e Nossa Senhora das Dores. Em conjunto, estas microrregiões produziram, em 1987, aproximadamente, 97 % da produção de frutos no Estado (FIBGE 1988).

Em termos de valores percentuais absolutos em área colhida, na produção de 1980 a 1987, observa-se que o município de maior destaque foi Santo Amaro das Brotas que, de apenas 7 % em 1980, passou para 14 % de participação em relação à produção estadual (Tabela 3).

Outros municípios, como Pacatuba e Barra dos Coqueiros, ainda que representativos em 1987, com 14 % e 13 % da produção estadual, já estiveram melhor colocados em 1980, com 16 % e 14 %, respectivamente.

Em termos de variação percentual em área colhida e produção obtida, entre os anos de 1980 e 1987, observam-se, nas duas últimas colunas, percentagens de variação das mais diversas, e até inversamente proporcionais, num mesmo município, tais como Ilha das Flores, onde, enquanto a área cresceu 6 %, a variação na produção foi negativa (-10 %); em outros, pelo contrário, houve até decréscimo na área e grande incremento na produção, tais como: São Cristóvão, Aracaju e outros que, aumentando a área, a mesma foi insignificante perante o desproporcional aumento na produção, como ocorreu em Nossa Se



nhora do Socorro, Itaporanga D'Ajuda, Indiaroba, Estância e Barra dos Coqueiros.

Na microrregião de Propriá, nota-se que o rendimento da cultura diminuiu drasticamente, de 1980 a 1987; enquanto a área colhida aumentou 21 %, a resposta da produção, naquele período, apenas aumentou 9 %.

Já na região do litoral sul sergipano a situação é bem diferente, pois com uma expansão de área colhida de 4 %, registrou-se um aumento de 34 % na produção.

Estas diferenças de situação entre rendimentos obtidos, nas diversas microrregiões, podem ser creditadas aos mais variados fatores endógenos e exógenos à cultura. Dentre os endógenos, destacam-se: baixo nível tecnológico, obtenção e produção de mudas, plantio, tratamentos culturais, controle fitossanitário e práticas extensivas arraigadas e transmitidas de geração em geração.

Entre os muitos fatores exógenos, podem ser mencionados: a oscilação de preços, falta de condições de escoamento da produção em determinadas épocas do ano, supervalorização de terras litorâneas e falta de linhas de crédito específicas para o cocoicultor que geralmente não tem condições financeiras para a adoção de algumas tecnologias modernas que, quando praticadas, garantem retornos econômicos.

Analisando a participação percentual das principais culturas no Estado de Sergipe, relativa à área colhida e valor bruto da produção (VBP), observa-se que, em 1980, 23 % da área agrícola estadual destinavam-se à cultura do coco, gerando 11 % do VBP estadual; no entanto, em 1986, com apenas 10 % da área estadual, a cocoicultura apresentava a mesma participação no VBP. Isto traz clara indicação de que, com o passar do tempo, a rentabilidade da cultura, por área, tem melhorado sensivelmente (Tabela 4). Vale salientar que a cocoicultura ocupa lugar de destaque na evolução da relação VBP/ha, ou seja, Valor Bruto da Produção gerado por hectare, entre 1980 e 1986, quando comparada às demais culturas praticadas no Estado.

Para o coco-da-baía, em 1980 a relação VBP/ha era de 0,47 %, passando para 1,1 % em 1986; evoluiu, portanto, 134 %, enquanto a laranja, a cana-de-açúcar e a mandioca, que também são culturas importantes para o Estado, evoluíram, na mencionada relação, apenas 77 %, 24 % e 42 %, naqueles mesmos sete anos.



Considerando-se, na análise, os custos de produção e a perenidade da cultura, a cocoicultura levaria vantagens ainda maiores na viabilidade econômica, pois sabe-se que, a partir do sexto ano, os custos de manutenção do coqueiral são mínimos para a obtenção das safras subseqüentes, enquanto nas outras culturas, quando estes não são elevados anualmente, como no caso da laranja, são repetidos periodicamente, desde o preparo do terreno até a colheita; no caso da cana e da mandioca, a rentabilidade diminui, quando com parada à do coco-da-baía.

Com as informações apresentadas nas Tabelas 4 e 5, podem-se calcular os valores brutos da produção de cada cultura, apresentados em forma de percentuais; por exemplo, em 1980, sabe-se que os 11 % do VBP estadual, gerados pela cocoicultura, equivalem a Cz\$ 140.191.000,00 (a preços de março de 1986); portanto, já se sabe que a laranja, naquele ano, gerou Cz\$ 331.360.545,50 (cruzados de março de 1986) e que o VBP agrícola total do Estado, em 1980, foi de, aproximadamente, Cz\$ 1.274.463.636,00 (a preços de março de 1986).

#### **Perfil da estrutura fundiária de áreas dedicadas à cocoicultura**

O processo natural de crescente concentração de posse da terra, em consequência da aglomeração de pequenas propriedades ou simples incorporação a estabelecimentos maiores, tem constituído entrave para o desenvolvimento da agricultura na região nordestina.

A crescente valorização da terra, em consequência da especulação que a tem como um elemento de capital, e não como fator de produção, inviabiliza quaisquer investimentos no setor agrícola, já tão penalizado em detrimento dos outros setores da economia, nos países do terceiro mundo.

Analisando os censos agropecuários de 1975 e 1980, verifica-se que, em 1975, a área média por estabelecimento foi de 24 hectares; de um total de 8.090 estabelecimentos, 94 % deles tinham área inferior a 50 hectares; ocupando 22 % da área colhida, o pequeno número de estabelecimentos, com área acima de 200 hectares, é responsável por, aproximadamente, 60 % da área colhida (Tabela 6).

Em 1980, a área média por estabelecimento decresceu, em relação a 1975, para, aproximadamente, 18 hectares; de 9.181 estabelecimentos, aqueles com área inferior a 50 hectares responderam por 26 % da área colhida, repre



sentando 95 % dos estabelecimentos, enquanto que aqueles com área superior a 200 hectares detinham 53 % da área colhida.

Em geral, a cocoicultura é praticada mais a nível de pequena e média propriedade, pois apesar da alta concentração da área colhida em poucos grandes estabelecimentos, aqueles com área inferior a 200 hectares, em 1980, detinham 47 % do total da área colhida.

Nas principais regiões produtoras de coco-da-baía, em torno de 96 % dos estabelecimentos possuem área inferior a 100 hectares e têm, em média, 30 % da área total; eles ocupam, aproximadamente, 32 % da área total na região de Propriá e litoral sul sergipano, 43 % em Nossa Senhora das Dores e apenas 21 % em Cotinguiba (Tabela 7).

Pode-se observar que, nos principais municípios produtores de coco-da-baía, a maioria (96 %) dos estabelecimentos possuía, em 1980, uma área inferior a 100 hectares. Os municípios de Brejo Grande, São Cristóvão e Pirambu ocupavam, em média, 32 % da área total; Barra dos Coqueiros 51 %; Aracaju 44 %; Pacatuba 25 %; e Itaporanga D'Ajuda apenas 18 %.

A cocoicultura é uma atividade típica de proprietários da terra; 96 % do total dos informantes eram proprietários que concentraram, em 1980, 98 % da quantidade colhida, gerando igual percentagem do valor obtido pela cultura; eles também responderam por mais de 99 % dos pés plantados naquele mesmo ano, como também obtiveram a maior média de cocos por planta produtiva.

Analisando o destino da produção, nota-se que 55 % dos informantes comercializavam, através dos intermediários, 78 % da produção total colhida, gerando 77 % do valor total. Também responderam por 93 % do incremento no plantio e por 71 % dos pés improdutivos.

Para o consumo no estabelecimento, figuraram 22 % do total de informantes, concentrando, para tal fim, apenas 3 % da quantidade e do valor produzido no Estado. As vendas diretas ao consumidor foram realizadas por 12 % dos informantes, em quantidade e valor equivalente a 7 % do total geral. O sistema de cooperativismo é praticamente inexistente no Estado, quando se trata da cocoicultura.

Do ponto de vista da classe de atividade econômica do produtor, observa-se que 89 % dos informantes envolvidos na produção de coco dedicavam-se à agricultura, concentrando, em 1980, igual percentagem da produção to

tal, enquanto que o percentual de informantes dedicados à pecuária, que produziram coco, foi de 8 %, detendo apenas 6 % da produção total.

Espera-se que nos anos posteriores à 1980, os pecuaristas tenham maior participação na produção total, pois naquele ano, do total de pés plantados, aproximadamente 30 % estavam localizados em áreas de pecuaristas, enquanto que os restantes 70 % foram plantados em áreas exclusivas de agricultura.

Considerando a tecnologia aplicada, em 1980 nota-se que 70 % dos informantes usavam tecnologia não declarada, concentrando 62 % da produção total; ocupavam também 62 % da área total, respondendo por 84 % dos plantios novos naquele ano.

Em 1980, as tecnologias de maior uso entre os informantes foram: adubação, defensivos e defensivos e adubação, sendo que 30 % do total de informantes declararam utilizar uma das três tecnologias mencionadas, concentrando, ao todo, 38 % da área total e respondendo por apenas 16 % dos plantios realizados naquele ano.

## CONCLUSÕES E SUGESTÕES

Um dos fatores favoráveis ao crescimento da cocoicultura no Estado de Sergipe é a crescente demanda de matéria-prima, por parte do grande número de indústrias processadoras de coco, segundo o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento, citado por Sobral (1982); em 1980 já existiam 12 unidades no Nordeste, sendo 5 do Estado de Sergipe.

Outro fator é a posição estratégica do Estado, em relação às indústrias reprocessadoras do Centro-sul que constituem o mercado fundamental para as indústrias processadoras do Nordeste.

É de vital importância para a cocoicultura, tanto a nível estadual como do Nordeste, que sejam incrementadas pesquisas para atender as condições da maioria dos produtores; para tanto, é necessário conhecer, de maneira mais real, a situação desses produtores, através de pesquisa direta, de caracterização e levantamento sócio-econômico da cocoicultura nacional.

Há necessidade de uma política de preços mínimos de garantia para o produto, para estimular o produtor a adotar tecnologias adequadas e mão-de-obra extrafamiliar, a fim de melhorar o rendimento e evitar o êxodo rural naquelas áreas com aptidão à cocoicultura.

## REFERÊNCIAS

- FAO. Roma. *FAO yearbook production*. v.39, 1985.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro.  
Censo agropecuário 1975 e 1980. Rio de Janeiro, 1980.
- FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro, RJ.  
Produção agrícola municipal do Estado de Sergipe - 1980-1987. Aracaju,  
1980.
- SOBRAL, J. do P. Programa nacional de pesquisa para a cultura do coqueiro.  
Indicadores da conjuntura sergipana, Aracaju, 6(2): 111-117, 1982.
- SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA. *Cultura do co  
co no Brasil*, comportamento conjuntural. Aracaju, 1979.

## TABELAS

TABELA 1. Participação percentual das principais regiões e Estados produtores de coco-da-baía no Brasil (1977 a 1987)

Regiões/ Estados	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
Norte*	2,53	2,66	2,82	2,73	2,64	2,44	3,13	3,41	3,75	7,08	6,45
Nordeste	94,25	95,18	94,92	94,90	94,54	95,88	95,00	94,73	94,49	91,17	91,56
Ceará	21,14	21,68	21,39	22,34	17,65	18,60	12,69	18,50	18,60	13,79	18,06
Rio Grande do Norte	9,92	10,41	10,72	10,43	11,04	10,48	8,33	13,07	13,05	13,44	14,01
Alagoas	14,83	13,92	13,09	12,59	13,97	13,74	16,70	11,07	11,24	11,50	11,33
Sergipe	13,98	15,36	12,50	13,57	14,64	14,24	15,40	13,50	14,54	15,09	15,80
Bahia	20,40	19,04	22,03	20,44	21,35	23,93	25,40	23,88	22,96	23,69	18,72
Sudeste	3,19	2,07	2,10	2,29	2,64	1,66	1,85	1,84	1,77	1,73	1,00

\* Estado do Pará

FONTES: FIBGE - 1978/1987

Elaboração: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCCo)

TABELA 2. Área colhida, produção e rendimento médio de coco-da-baía no Brasil, região Nordeste de Sergipe (1977 a 1987)

Anos	Área colhida (ha)			Produção obtida (1.000 frutos)			Rendimento médio (frutos/(ha))		
	Brasil	Nordeste	Sergipe	Brasil	Nordeste	Sergipe	Brasil	Nordeste	Sergipe
1977	159.765	154.149	36.726	472.922	445.720	66.125	2.960	2.891	1.800
1978	163.215	158.425	39.294	472.715	449.910	72.615	2.896	2.840	1.848
1979	158.039	152.968	34.396	491.027	466.062	61.397	3.087	3.047	1.785
1980	164.779	159.717	38.238	525.877	498.951	71.352	3.191	3.124	1.866
1981	167.257	162.169	39.271	504.099	476.557	73.824	3.014	2.939	1.880
1982	166.145	161.847	40.902	540.868	518.575	77.017	3.255	3.204	1.882
1983	170.687	165.911	41.298	488.963	464.517	75.276	2.865	2.800	1.822
1984	159.777	154.540	42.571	513.533	486.449	69.316	3.214	3.148	1.628
1985	166.740	160.480	42.569	570.401	538.692	82.953	3.421	3.358	1.949
1986	179.013	165.317	43.325	588.116	536.192	88.773	3.285	3.243	2.049
1987	181.574	172.172	45.151	598.775	548.264	94.365	3.298	3.184	2.090
1988	200.583	185.200	45.377	694.728	625.330	96.834	3.464	3.377	2.134

fonte: FIBGE - 1977/1988

Elaboração: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCCo)

TABELA 3. Área colhida, quantidade produzida e valor da produção de coco-da-baba. Participação percentual, variação em área e produção por microrregião e município do Estado de Sergipe (1980 e 1987)

Microrregiões e municípios	Área (ha)				Quantidade (1.000 frutos)				Valores (Correntes)				Variação (1980-87)	
	1980		1987		1980		1987		CZ\$ 1.000		CZ\$ 1.000,00		Área	Produção
	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Propriá (124)	9.252	25	11.496	25	18.965	27	20.650	22	135.170	25	94.365	13	21	9
Brejo Grande	2.415	6	2.695	6	4.810	7	4.851	5	34.271	6	22.395	2	12	1
Ilha d. Flores	647	2	684	1	1.289	2	1.163	1	9.184	2	5.601	1	6	-10
Neópolis	640	2	726	2	1.275	2	1.307	1	9.084	2	5.609	1	13	3
Pacatuba	5.800	15	7.370	16	11.551	16	13.266	14	82.300	15	60.360	9	27	15
N. Sª das Dores (125)	742	2	-	-	1.484	2	-	-	10.602	2	-	-	-	-
Japoatã	723	2	762	2	1.446	2	1.371	1	10.302	2	6.580	1	5	-5
Cotinguiba (126)	4.648	12	-	-	10.698	15	-	-	89.980	17	-	-	-	-
Carmópolis	421	1	1.050	2	1.052	1	1.890	2	9.468	2	7.258	1	149	80
Japarutuba	656	2	757	2	1.312	2	1.287	1	9.348	2	5.834	1	15	-2
Pirambu	820	2	725	2	1.640	2	1.480	2	11.685	2	7.350	1	13	-10
Santo A. Brotas	1.900	5	5.100	11	4.750	7	13.260	14	42.750	8	60.333	9	168	179
Lit. Sul Serg. (129)	22.088	58	22.940	51	38.285	54	51.195	54	282.280	53	229.944	34	4	34
Aracaju	2.810	7	2.612	6	5.596	8	6.252	7	44.577	8	28.134	4	-7	12
B. Coqueiros	5.023	13	5.242	12	10.004	14	12.607	13	80.692	15	56.101	8	4	26
Estância	3.325	7	3.444	8	5.296	7	6.888	7	33.216	6	39.034	6	4	30
Indiaroba	2.121	5	2.240	5	3.380	5	4.032	4	20.871	4	16.208	2	6	19
Itaporanga	3.990	10	4.298	9	5.960	8	10.757	11	44.163	8	39.609	6	8	80
N. S. Socorro	505	1	594	1	754	1	1.296	1	5.664	1	5.443	1	18	72
Santa L. Itanhy	1.949	5	2.091	5	3.105	4	3.230	3	20.570	4	17.981	3	4	4
São Cristóvão	2.120	6	2.242	5	3.800	5	5.735	6	3.191	6	25.807	4	-7	51
Total (SERGIPE)	38.238	100	45.151	-	71.352	100	94.365	-	531.876	100	677.738	100	18	32

Fonte: IBGE

Elaboração: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCo)



TABELA 4. Participação percentual dos principais produtos na área colhida e no VBP agrícola do Estado de Sergipe (1980 a 1986)

Produtos	1980		1981		1982		1983		1984		1985		1986	
	Área	VBP	Área	VBP	Área	VBP	Área	VBP	Área	VBP	Área	VBP	Área	VBP
Laranja	14	26	8	24	7	24	15	27	8	34	8	38	7	23
Cana-de-açúcar	13	21	8	21	7	20	14	23	5	9	8	15	8	16
Mandioca	18	24	11	19	11	17	25	21	9	13	10	9	9	7
Coco-da-baba	23	11	14	9	11	9	24	12	13	6	12	11	10	11
Feijão	11	3	17	7	22	8	5	2	21	14	14	3	21	11
Milho	5	1	20	3	25	6	3	0	26	6	28	5	26	8
Outros	16	14	22	17	17	16	14	15	18	18	20	19	19	24

FONTE: FIBGE - 1980/1987

Elaboração: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCo)

TABELA 5. Valor bruto da produção de coco-da-baía no Brasil, na região Nordeste e no Estado de Sergipe (1980-1986). (Preços em Cz\$ 1.000,00 de março de 1986).

Ano	Brasil	Nordeste	Sergipe
1980	1.033.239	980.000	140.191
1981	1.018.121	971.031	149.101
1982	1.099.727	1.057.366	177.421
1983	924.253	885.736	155.072
1984	1.127.270	1.077.989	123.956
1985	1.323.671	1.268.043	253.993
1986	1.049.246	934.138	190.100

FIBGE: FIBGE - 1980/1987

OBS: Os valores inflacionados pelo Índice Geral de Preços (disponibilidade interna da FGV)

TABELA 6. Distribuição dos estabelecimentos produtores de coco-da-baía no Estado de Sergipe (1975 a 1980)

Extrato de área	Nº de estabelecimentos		Área colhida (ha)	
	1975	1980	1975	1980
< 10	6.346	7.448	15.620	16.914
10 < 50	1.235	1.252	27.431	27.954
50 < 100	218	233	15.656	17.132
100 < 200	142	138	20.153	19.794
200 < 500	94	81	28.802	23.749
500 < 1.000	35	24	24.116	16.052
1.000 < 5.000	17	18	36.741	32.473
> 5.000	3	2	24.261	19.613
Total	8.090	9.191	192.779	173.681

FONTE: FIBGE - 1983

Elaboração: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCo)

**TABELA 7. Grupo de área total e estabelecimentos, segundo as microrregiões e municípios principais produtores de coco-da-baía do Estado de Sergipe (1980)**

Microrregiões e Municípios	Estrato de área											
	Menos 2 ha		2 a - 5		5 a - 10		10 a - 20		20 a - 50		50 a - 100	
	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)
Propriá (124)	4.053	3.355	1.140	3.827	563	4.070	391	5.701	336	10.761	136	9.466
Brejo Grande	779	681	209	658	142	1.002	52	687	45	1.361	9	654
Ilha das Flores	502	447	48	131	15	118	5	71	7	206	-	-
Neópolis	776	620	155	504	39	282	31	480	39	1.112	21	1.424
Pacatuba	708	721	242	781	169	1.209	115	1.719	80	2.600	28	2.042
N.Ss. Dorés (125)	9.786	7.314	2.842	9.403	2.134	15.498	1.830	26.607	1.840	58.491	861	61.053
Japoatã	1.278	875	186	610	120	864	84	1.220	115	3.755	56	3.989
Cotinguiba (126)	3.356	2.420	846	2.753	631	4.960	391	5.740	401	12.621	169	12.263
Carnópolis	125	88	26	81	36	342	9	125	5	120	-	-
Japarutuba	622	430	141	450	61	436	64	968	89	2.872	33	2.365
Pirambu	229	173	66	212	44	318	37	550	38	1.124	16	1.140
Santo A. Brotas	208	179	87	290	129	1.152	54	788	46	1.431	15	1.054
Litoral Sul Sergi- pano (129)	4.884	4.331	1.638	5.260	871	6.176	629	8.985	551	17.220	265	19.278
Aracaju	552	421	120	357	52	360	28	397	31	878	7	489
Barra Coqueiros	42	38	37	111	51	341	22	338	15	433	14	1.039
Estância	668	634	280	922	180	1.320	128	1.892	166	5.226	93	6.993
Indiaroba	758	600	187	596	120	865	125	1.634	57	1.795	36	2.795
Itaporanga	762	806	324	987	103	725	79	1.130	82	2.636	28	2.036
N.S. Socorro	597	521	108	332	41	296	39	565	26	883	8	531
S.L. Itanhy	419	342	161	551	128	893	61	888	45	1.350	33	2.351
S. Cristóvão	671	576	251	797	99	663	64	936	63	1.939	22	1.751
Sergipe	44.973	38.441	17.171	56.491	11.041	80.348	8.224	118.677	7.743	245.305	3.342	237.486

TABELA 7.

Microrregiões e Municípios	Estrato de área										TOTAL	
	100 a - 200		200 a - 500		500 a - 1.000		1.000 a - 5.000		Mais de 5.000			
	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)	ESTAB.	ÁREA (ha)
Propriá (124)	102	14.323	58	17.081	10	6.816	12	28.283	1	6.000	6.814	109.690
Brejo Grande	7	965	2	655	-	-	1	2.465	-	-	1.246	9.133
Ilha das Flores	2	302	-	-	1	75	-	-	-	-	580	2.034
Neópolis	16	2.112	15	4.712	2	1.736	1	1.452	1	6.000	1.101	20.439
Pacatuba	20	3.120	8	2.290	3	2.023	7	18.611	-	-	1.380	35.121
N.Sá. Dorés (125)	435	61.269	270	81.983	79	54.743	23	35.004	-	-	20.102	411.371
Japoatã	32	4.645	9	3.143	5	3.581	5	10.556	-	-	1.890	33.242
Cotinguiba (126)	144	21.117	156	48.595	53	37.243	20	34.695	-	-	6.171	187.411
Carmópolis	3	474	-	571	1	653	1	1.603	-	-	209	4.061
Japarutuba	22	3.238	32	9.378	9	6.511	4	7.729	-	-	1.077	34.381
Pirambu	14	2.176	7	2.093	3	2.411	-	-	-	-	454	10.201
Santo A. Brotas	15	2.056	13	3.661	5	3.448	3	3.525	-	-	575	17.588
Litoral Sul Sergi- pano (129)	169	24.204	105	32.053	34	23.837	26	39.199	1	13.612	9.195	194.611
Aracaju	8	1.080	7	2.006	1	555	-	-	-	-	818	6.585
Barra Coqueiros	10	1.325	3	816	-	-	-	-	-	-	195	4.445
Estância	52	7.544	26	8.057	10	7.175	5	6.829	-	-	1.615	44.645
Indiaroba	23	3.085	14	4.437	4	2.521	4	4.976	-	-	1.328	23.309
Itaporanga	15	2.319	9	3.064	6	4.389	7	12.718	1	13.612	1.416	44.437
N.S.Socorro	8	1.152	9	2.446	1	569	1	1.321	-	-	838	8.621
S.L. Itanhy	14	2.066	18	5.386	6	4.319	5	7.522	-	-	891	25.673
S. Cristóvão	24	3.567	9	2.545	4	2.980	4	5.781	-	-	1.212	21.539
Sergipe	1.764	248.004	1.088	332.504	319	217.996	161	278.515	6	44.002	95.892	1.897.773

Fonte: Anuário Estatístico de Sergipe(1983) / CENSO AGROPECUÁRIO - Resultados censitários  
Elaboração: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Coco (CNPCCo)

TABELA 8. Colheita, valor da produção e efetivo das plantações de coco-da-baía, segundo a condição do produtor, destino da produção, classe da atividade econômica e tecnologia aplicada no Estado de Sergipe (1980)

Condição do produtor Destino da produção Classe de atividade econômica	Infor- mantas	Colheita no ano de 1980				Efetivo de plantações 13.12.1980			Δ % no plancio	% pés impro- duti- vos	Cocos por pé efetiv. produç.	Cocos por pé produç. 1,00)	Preços unit. (CZ\$ 1,00)	% valor do pro- duto
		Quantidade 1.000 frutos	Valor CZ\$ 1.000	Área	Pés que produ- ziram	Pés em idade produ- tiva	Pés novos							
							Total	Plantados em 1980						
		Totais	21.259	46.166	362.310	8.866	1.866.794	2.358.570						
Condição do produtor														
Proprietário	20.395	45.453	356.823	8.723	1.836.852	2.318.868	2.347.550	727.293	99,44	98,0	24,7	19,6	7,85	98,5
Arrendatário	130	177	1.469	28	6.578	13.863	17.357	2.417	0,32	1,4	19,7	12,7	8,30	0,4
Parceiro	11	21	174	4	908	928	110	20	0,02	0,0	23,1	22,6	8,28	0,0
Ocupante	723	514	3.844	110	22.456	25.091	23.290	1.641	0,22	0,5	22,8	20,4	7,48	1,1
Destino da produção														
Consumo no estab.	4.827	1.456	11.462	141	34.301	40.029	19.950	4.239	0,58	1,2	42,4	36,4	7,87	3,2
Entr. a cooperat.	11	168	1.354	37	8.143	8.901	6.100	1.000	0,14	0,2	20,6	18,8	8,06	0,4
Entr. a indust.	185	5.243	42.447	991	206.417	295.994	254.542	7.019	0,97	18,2	25,4	17,7	8,10	11,7
Entr. a intarmed.	11.725	36.143	279.481	7.153	1.503.505	1.854.450	1.912.981	678.715	98,38	71,4	24,0	19,4	7,73	77,1
Venda direta ao consumidor	2.670	3.065	26.878	527	110.499	142.739	58.493	11.530	1,58	6,5	27,7	21,4	8,77	7,4
Sem declaração	1.891	98	687	16	3.929	16.457	136.241	24.368	3,35	2,5	22,4	5,3	7,80	0,2

TABELA 8.

Condição do produtor Destino da produção Classe de atividade econômica	Infor- mantes	Colheita no ano de 1980				Efetivo de plantações 13.12.1980				Δ % no plantio	% pés impro- duti- vos	Cocos por pé efetiv. product.	Cocos por pé idade product. 1,00)	Preços unit. (CZS)	% val: do pro- duto
		Quantidade 1.000 frutos	Valor CZS	Área 1.000	Pés que produ- ziram	Pés em idade produ- tiva	Pés novos								
							Total	Plantados em 1980							
<b>Classe de atividade econômica</b>															
Agricultura	18.828	41.037	323.729	7.874	1.646.473	2.087.616	1.983.828	502.719	69,2	90,0	24,9	19,6	7,89	89,4	
Pecuária	1.749	2.963	21.774	634	137.732	172.844	318.435	209.633	28,9	7,2	21,5	17,1	7,35	6,0	
Agropecuária	404	1.639	12.873	279	64.022	77.394	68.235	12.465	1,7	2,8	25,6	21,2	7,85	3,5	
Hort. e floricult.	32	12	99	3	856	868	757	230	0,0	0,0	14,0	13,8	8,25	0,0	
Silvicultura	3	1	11	0	62	62	200	-	-	0,0	16,1	16,1	11,00	0,0	
Avicultura	196	471	3.526	65	15.444	17.001	14.194	1.661	0,2	0,0	30,5	27,7	7,49	1,0	
<b>Cunicultura</b>															
Apicultura	3	10	71	1	318	328	25	23	0,0	0,0	31,4	29,6	7,10	0,0	
Extração vegetal	44	31	225	8	1.887	2.447	2.633	140	0,0	0,0	16,4	12,7	7,25	0,1	
<b>Tecnologia aplicada</b>															
Irrigação e adubação	2	2	16	0	50	50	122	5	0,0	0,0	40	40	8,00	0,0	
Irrigação	7	14	87	3	493	503	106	30	0,0	0,0	28	27	6,21	0,0	
Irrigação e defensi- vos	5	109	762	24	2.920	4.480	131	2	0,0	0,3	37	24	7,00	0,2	
Irrig., defensiv. e adubação	10	63	523	6	1.547	3.149	136	1	0,0	0,3	40	20	8,30	0,1	
Adubação	1.617	4.531	39.087	800	175.440	238.092	159.537	21.327	2,9	12,7	25	19	8,62	10,2	
Defensivos	2.591	5.530	41.110	1.277	240.147	277.677	277.939	23.609	3,2	7,6	23	20	7,43	11,3	
Defensivos e adub.	2.216	7.488	57.417	1.308	286.217	343.583	509.841	73.060	10,1	11,7	26	22	7,67	15,9	
Tec. não declarada	14.811	28.428	223.305	5.454	1.159.980	1.491.036	1.490.495	608.837	83,8	67,4	24	19	7,86	61,7	

FONTE: Censo Agropecuário, 1980

ELABORAÇÃO: EMBRAPA/Centro Nacional de Pesquisa de Caco (CNPCC)



**FBB**

**FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL**

**COLABORANDO COM A DIVULGAÇÃO DA PESQUISA AGROPECUÁRIA**

